

DE ACORDO COM O EDITAL DE ABERTURA Nº 001/2026



PAULÍNIA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA - SÃO PAULO

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA - PEB II GEOGRAFIA

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Raciocínio Lógico
- ▶ Conhecimentos Educacionais
- ▶ Conhecimentos Específicos



BÔNUS
CURSO ON-LINE

- PORTUGUÊS
- INFORMÁTICA



AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Questões gabaritadas
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





PAULÍNIA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA - SÃO PAULO

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
BÁSICA - PEB II - GEOGRAFIA**

EDITAL DE ABERTURA Nº 001/2026

CÓD: OP-232JL-26
7901183005802

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Análise e interpretação de texto (compreensão geral do texto; ponto de vista ou ideia central defendida pelo autor; argumentação; elementos de coesão; inferências; estrutura e organização do texto e dos parágrafos).....	9
2. Tipologia e gêneros textuais	10
3. Figuras de linguagem	11
4. Emprego dos pronomes demonstrativos.....	15
5. Relações semânticas estabelecidas entre orações, períodos ou parágrafos (oposição/contraste, conclusão, concessão, causalidade, adição, alternância, etc.)	15
6. Relações de sinonímia e de antonímia.....	16
7. Sintaxe da oração (período simples; termos fundamentais e acessórios da oração; tipos de predicado) e do período (período composto por coordenação e por subordinação)	17
8. Funções do “que” e do “se”	22
9. Emprego do acento grave	23
10. Emprego dos sinais de pontuação e suas funções no texto.....	24
11. Ortografia.....	25
12. Concordâncias verbal e nominal.....	25
13. Regências verbal e nominal	27
14. Emprego de tempos e modos verbais; Formação de tempos compostos dos verbos	28
15. Colocação pronominal	31

Raciocínio Lógico

1. Lógica proposicional e de predicados	41
2. Argumentação lógica e inferências; Análise de argumentos e validade lógica	44
3. Teoria dos conjuntos e relações.....	49
4. Análise combinatória	52
5. Probabilidade.....	54
6. Sequências e padrões lógicos	56
7. Raciocínio analítico e resolução de problemas complexos	57
8. Interpretação de informações e tomada de decisão lógica	61

Conhecimentos Educacionais

1. Fundamentos da educação: concepções pedagógicas e teorias da educação.....	69
2. História da educação e tendências pedagógicas contemporâneas.....	75
3. Educação e função social da escola	82
4. Didática e processo de ensino-aprendizagem	83
5. Planejamento educacional e organização do ensino	84
6. Metodologias de ensino e práticas pedagógicas	85
7. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas	87
8. Organização do trabalho pedagógico	91
9. Projeto político-pedagógico (ppp)	96

ÍNDICE

10. Gestão democrática da educação	98
11. Coordenação pedagógica e trabalho coletivo.....	102
12. Desenvolvimento humano e aprendizagem; teorias do desenvolvimento.....	106
13. Processos cognitivos, afetivos e sociais	112
14. Relação professor-aluno e mediação pedagógica.....	113
15. Educação inclusiva e diversidade	122
16. Educação inclusiva e práticas pedagógicas	128
17. Atendimento educacional especializado (aee)	132
18. Adaptação curricular e acessibilidade	135
19. Políticas educacionais	140
20. Constituição federal de 1988 (artigos da educação).....	144
21. Lei nº 9.394/1996 (Ldb)	148
22. Estatuto da criança e do adolescente (lei nº 8.069/1990).....	168
23. Plano nacional de educação (lei nº 13.005/2014)	208
24. Tendências contemporâneas em educação	210
25. Tecnologias educacionais.....	211
26. Metodologias ativas de aprendizagem	214
27. Educação integral e interdisciplinaridade	217

Conhecimentos Específicos

Professor de Educação Básica - PEB II - Geografia

1. BNCC – Geografia no Ensino Fundamental, Currículo Municipal e Computação como complemento da BNCC.....	225
2. Fundamentos e métodos do ensino de Geografia: Recursos didáticos e uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)	229
3. Fundamentos teóricos do pensamento geográfico e sua história	234
4. As categorias de análise atuais do pensamento geográfico.....	237
5. A regionalização do Brasil.	241
6. Sociedade, Industrialização e Regionalização do Brasil	251
7. A regionalização do mundo	255
8. A mundialização do capitalismo e a geopolítica mundial no final do século XX e nos dias de hoje	260
9. A geopolítica e as redefinições do território: os conflitos políticos, étnicos religiosos e a nova organização econômica mundial	270
10. Interação sociedade natureza: os impactos ambientais, o uso e a conservação do solo, da água e da cobertura vegetal .	272
11. As mudanças climáticas	275
12. Geoecologia: o clima, os solos e a biota	276
13. Sociedade industrial e o ambiente	278
14. O atual período técnico-científico informacional na agricultura e na indústria: inovações tecnológicas, fluxos de capital e de informações	279
15. População e industrialização e urbanização brasileira.....	281
16. Agricultura brasileira: transformações recentes	289
17. Representações cartográficas: conceitos e Linguagens	297
18. Geografia Regional.....	300

ÍNDICE

19. Constituição Federal – artigos 205 a 214 (Educação);	302
20. Legislação e Normas da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996	302
21. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/1990	302
22. Princípios da Educação Pública	302
23. Deveres e Direitos do Aluno e da Escola.....	306
24. Função Social da Escola e Papel do Professor	307

LÍNGUA PORTUGUESA

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO (COMPREENSÃO GERAL DO TEXTO; PONTO DE VISTA OU IDEIA CENTRAL DEFENDIDA PELO AUTOR; ARGUMENTAÇÃO; ELEMENTOS DE COESÃO; INFERÊNCIAS; ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO E DOS PARÁGRAFOS)

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

► Definição Geral

Embora correlacionados, compreensão e interpretação são processos distintos. A compreensão refere-se ao entendimento das informações explícitas do texto, enquanto a interpretação envolve a elaboração de conclusões fundamentadas a partir dessas informações.

Exemplificando, quando uma avaliação exige a compreensão de uma questão, a resposta encontra-se explicitamente no texto. Já a interpretação ocorre quando o leitor, a partir das informações textuais, elabora conclusões logicamente fundamentadas.

► Compreensão de Textos

A compreensão textual consiste na análise do que está explícito no texto, ou seja, na identificação da mensagem. Compreender um texto é assimilar intelectualmente sua mensagem, identificando com precisão as informações explícitas nele contidas.

Compreender um texto é captar, de forma objetiva, a mensagem transmitida por ele. Portanto, a compreensão textual envolve a decodificação da mensagem que é feita pelo leitor.

Por exemplo, ao ouvirmos uma notícia, automaticamente compreendemos a mensagem transmitida por ela, assim como o seu propósito comunicativo, que é informar o ouvinte sobre um determinado evento.

► Interpretação de Textos

É o entendimento que resulta da associação entre as ideias do texto, permitindo ao leitor inferir sentidos implícitos, sem ultrapassar os limites estabelecidos pelo próprio texto. Resumidamente, interpretar é atribuir sentido ao texto por meio de inferências e da relação entre suas ideias, sempre com base nos elementos linguísticos e discursivos apresentados.

A interpretação de textos compreende a habilidade de se chegar a conclusões específicas após a leitura de algum tipo de texto, seja ele escrito, oral ou visual.

Grande parte da bagagem interpretativa do leitor é resultado da leitura, integrando um conhecimento que foi sendo assimilado ao longo da vida. Interpretação de texto é a habilidade de

inferir informações implícitas, estabelecer relações entre ideias e compreender sentidos não expressos literalmente, sempre com base nos elementos linguísticos e discursivos do texto.

Exemplo de compreensão e interpretação de textos

Para compreender melhor a compreensão e interpretação de textos, analise a questão abaixo, que aborda os dois conceitos em um texto misto (verbal e visual):

FGV > SEDUC/PE > Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial > 2015

Português > Compreensão e interpretação de textos

A imagem a seguir ilustra uma campanha pela inclusão social.



“A Constituição garante o direito à educação para todos e a inclusão surge para garantir esse direito também aos alunos com deficiências de toda ordem, permanentes ou temporárias, mais ou menos severas.”

A partir do fragmento acima, assinale a afirmativa **incorreta**.
(A) A inclusão social é garantida pela Constituição Federal de 1988.

(B) As leis que garantem direitos podem ser mais ou menos severas.

(C) O direito à educação abrange todas as pessoas, deficientes ou não.

(D) Os deficientes temporários ou permanentes devem ser incluídos socialmente.

(E) “Educação para todos” inclui também os deficientes.

Resolução:

Em “A” – Errado: o texto é sobre direito à educação, incluindo as pessoas com deficiência, ou seja, inclusão de pessoas na sociedade.

Em “B” – Certo: o complemento “mais ou menos severas” se refere à “deficiências de toda ordem”, não às leis.

AMOSTRA

Em “C” – Errado: o advérbio “também”, nesse caso, indica a inclusão/adição das pessoas portadoras de deficiência ao direito à educação, além das que não apresentam essas condições.

Em “D” – Errado: além de mencionar “deficiências de toda ordem”, o texto destaca que podem ser “permanentes ou temporárias”.

Em “E” – Errado: a alternativa apenas retoma a ideia central do texto, sem apresentar qualquer informação incorreta, motivo pelo qual não atende ao comando da questão

Resposta: Letra B.

TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

A classificação de textos em tipos e gêneros é essencial para compreendermos sua estrutura linguística, função social e finalidade. Antes de tudo, é crucial discernir a distinção entre essas duas categorias.

► Tipos textuais

A tipologia textual se classifica a partir da estrutura e da finalidade do texto, ou seja, está relacionada ao modo como o texto se apresenta. A partir de sua função, é possível estabelecer um padrão específico para se fazer a enunciação.

Veja, no quadro abaixo, os principais tipos e suas características:

TEXTO NARRATIVO	Apresenta um enredo, com ações e relações entre personagens, que ocorre em determinados espaço e tempo. É contado por um narrador, e se estrutura da seguinte maneira: apresentação > desenvolvimento > clímax > desfecho
TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO	Tem o objetivo de defender determinado ponto de vista, persuadindo o leitor a partir do uso de argumentos sólidos. Sua estrutura comum é: introdução > desenvolvimento > conclusão.
TEXTO EXPOSITIVO	Procura expor ideias, sem a necessidade de defender algum ponto de vista. Para isso, usa-se comparações, informações, definições, conceitualizações etc. A estrutura segue a do texto dissertativo-argumentativo.
TEXTO DESCRITIVO	Expõe acontecimentos, lugares, pessoas, de modo que sua finalidade é descrever, ou seja, caracterizar algo ou alguém. Com isso, é um texto rico em adjetivos e em verbos de ligação.
TEXTO INJUNTIVO	Oferece instruções, com o objetivo de orientar o leitor. Sua maior característica são os verbos no modo imperativo.

► Gêneros textuais

A classificação dos gêneros textuais se dá a partir do reconhecimento de certos padrões estruturais que se constituem a partir da função social do texto. No entanto, sua estrutura e seu estilo não são tão limitados e definidos como ocorre na tipologia textual, podendo se apresentar com uma grande diversidade. Além disso, o padrão também pode sofrer modificações ao longo do tempo, assim como a própria língua e a comunicação, no geral.

Alguns exemplos de gêneros textuais:

- Artigo;
- Bilhete;
- Bula;
- Carta;
- Conto;
- Crônica;
- E-mail;
- Lista;
- Manual;
- Notícia;
- Poema;
- Propaganda;
- Receita culinária;
- Resenha;
- Seminário.



RACIOCÍNIO LÓGICO

LÓGICA PROPOSICIONAL E DE PREDICADOS

LÓGICA PROPOSICIONAL

Um predicado é uma sentença que contém um número limitado de variáveis e se torna uma proposição quando são dados valores às variáveis matemáticas e propriedades quaisquer a outros tipos.

Um predicado, de modo geral, indica uma relação entre objetos de uma afirmação ou contexto.

Considerando o que se conhece da língua portuguesa e, intuitivamente, predicados dão qualidade aos sujeitos, relacionam os sujeitos e relacionam os sujeitos aos objetos.

Para tal, são usados os conectivos lógicos $\neg, \Rightarrow, \rightarrow, \wedge, \vee$, mais objetos, predicados, variáveis e quantificadores.

Os objetos podem ser concretos, abstratos ou fictícios, únicos (atômicos) ou compostos.

Logo, é um tipo que pode ser desde uma peça sólida, um número complexo até uma afirmação criada para justificar um raciocínio e que não tenha existência real!

Os argumentos apresentam da lógica dos predicados dizem respeito, também, àqueles da lógica proposicional, mas adicionando as qualidades ao sujeito.

As palavras que relacionam os objetos são usadas como quantificadores, como um objeto está sobre outro, um é maior que o outro, a cor de um é diferente da cor do outro; e, com o uso dos conectivos, as sentenças ficam mais complexas.

Por exemplo, podemos escrever que um objeto é maior que outro e eles têm cores diferentes.

Somando as variáveis aos objetos com predicados, as variáveis definem e estabelecem fatos relativos aos objetos em um dado contexto.

Vamos examinar as características de argumentos e sentenças lógicas para adentrarmos no uso de quantificadores.

No livro *Discurso do Método* de René Descartes, encontramos a afirmação: "(1ª parte): "...a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem."

Cabe aqui, uma rápida revisão de conceitos, como o de argumento, que é a afirmação de que um grupo de proposições gera uma proposição final, que é consequência das primeiras. São ideias lógicas que se relacionam com o propósito de esclarecer pontos de pensamento, teorias, dúvidas.

Seguindo a ideia do princípio para o fim, a proposição é o início e o argumento o fim de uma explanação ou raciocínio, portanto essencial para um pensamento lógico.

A proposição ou sentença *a* é uma oração declarativa que poderá ser classificada somente em verdadeira ou falsa, com sentido completo, tem sujeito e predicado.

Por exemplo, e usando informações multidisciplinares, são proposições:

I – A água é uma molécula polar;

II – A membrana plasmática é lipoprotéica.

Observe que os exemplos acima seguem as condições essenciais que uma proposição deve seguir, i.e., dois axiomas fundamentais da lógica, [1] o princípio da não contradição e [2] o princípio do terceiro excluído, como já citado.

O princípio da não contradição afirma que uma proposição não ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

O princípio do terceiro excluído afirma que toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, jamais uma terceira opção.

Após essa pequena revisão de conceitos, que representaram os tipos de argumentos chamados válidos, vamos especificar os conceitos para construir argumento inválidos, falaciosos ou sofisma.

► Proposições simples e compostas

Para se construir as premissas ou hipóteses em um argumento válido logicamente, as premissas têm extensão maior que a conclusão. A primeira premissa é chamada de maior é a mais abrangente, e a menor, a segunda, possui o sujeito da conclusão para o silogismo; e das conclusões, temos que:

- De duas premissas negativas, nada se conclui;
- De duas premissas afirmativas não pode haver conclusão negativa;
- A conclusão segue sempre a premissa mais fraca;
- De duas premissas particulares, nada se conclui.

As premissas funcionam como proposições e podem ser do tipo simples ou composta. As compostas são formadas por duas ou mais proposições simples interligadas por um "conectivo".

Uma proposição/premissa é toda oração declarativa que pode ser classificada em verdadeira ou falsa ou ainda, um conjunto de palavras ou símbolos que exprimem um pensamento de sentido completo.

Características de uma proposição

- Tem sujeito e predicado;
- É declarativa (não é exclamativa nem interrogativa);
- Tem um, e somente um, dos dois valores lógicos: ou é verdadeira ou é falsa.



AMOSTRA

É regida por princípios ou axiomas:

- **Princípio da não contradição:** uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.
- **Princípio do terceiro excluído:** toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, isto é, verifica-se sempre um destes casos e nunca um terceiro.
- **Princípio da Identidade:** uma proposição é idêntica a si mesma. Em termos simples: $p \equiv p$

Exemplos:

- A água é uma substância polar.
- A membrana plasmática é lipoprotéica.
- As premissas podem ser unidas via conectivos mostrados na tabela abaixo e já mostrado acima

São eles:

Proposição	Forma	Símbolo
Negação	Não	$\neg$
Disjunção não exclusiva	ou	$\vee$
Conjunção	e	$\wedge$
Condicional	Se... então	$\rightarrow$
Bicondicional	Se e somente se	$\leftrightarrow$

► Tabelas verdade

As tabelas-verdade são ferramentas utilizadas para analisar as possíveis combinações de valores lógicos (verdadeiro ou falso) das proposições. Elas permitem compreender o comportamento lógico de operadores como negação, conjunção e disjunção, facilitando a verificação da validade de proposições compostas. Abaixo, apresentamos as tabelas-verdade para cada operador,

Negação

A partir de uma proposição p qualquer, pode-se construir outra, a negação de p , cujo símbolo é $\neg p$.

Exemplos:

- A água é uma substância não polar.
- A membrana plasmática é não lipoprotéica.

Tabela-verdade para p e $\neg p$.

p	$\neg p$
V	F
F	V

Os símbolos lógicos para construção de proposições compostas são: $\wedge$ (lê-se e) e $\vee$ (lê-se ou).

Conectivo e

Colocando o conectivo $\wedge$ entre duas proposições p e q , obtém-se uma nova proposição $p \wedge q$, denominada conjunção das sentenças.

Exemplos:

- p : substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica.
- q : o aminoácido fenilalanina é apolar.
- $p \wedge q$: substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica e o aminoácido fenilalanina é apolar.

Tabela-verdade para a conjunção

Axioma: a conjunção é verdadeira se, e somente se, ambas as proposições são verdadeiras; se ao menos uma delas for falsa, a conjunção é falsa.

p	q	$p \wedge q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Conectivo ou

Colocando o conectivo $\vee$ entre duas proposições p e q , obtém-se uma nova proposição $p \vee q$, denominada disjunção das sentenças.

Exemplos:

- p : substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica.
- q : substâncias polares usam receptores proteicos para atravessar a bicamada lipídica.
- $p \vee q$: substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica ou substâncias polares usam receptores proteicos para atravessar a bicamada lipídica.

Tabela-verdade para a disjunção

Axioma: a disjunção é verdadeira se ao menos das duas proposições for verdadeira; se ambas forem falsas, então a disjunção é falsa.

p	q	$p \vee q$
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

CONHECIMENTOS EDUCACIONAIS

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E TEORIAS DA EDUCAÇÃO

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO¹

A educação deve levar em conta a natureza própria do indivíduo, encontrando esteios nas leis da constituição psicológica do indivíduo e seu desenvolvimento. A relação entre os indivíduos a educar e a sociedade torna-se recíproca. Pretende que a criança aproxime do adulto não mais recebendo as regras de boa ação, mas conquistando-as com seu esforço e suas experiências pessoais, em troca a sociedade espera das novas gerações mais do que uma imitação; espera um enriquecimento.

Caso queiramos proceder corretamente no campo técnico da educação, teremos que a elas recorrer para que não sejamos tentados em nossa ação educativa, a impor modelos, para com que eles, os alunos, se identifiquem. Teremos sim que lhes oferecer situações, experiências que resultem em uma modelagem adequada. Modelagem não estereotipada, mas decorrentes das diferenças individuais de cada aluno.

► Fundamentos Sociológicos

No Brasil, convivem lado a lado, uma Sociologia da Educação cética com relação à ordem existente, baseada em modelo marxista, uma outra baseada em metodologia de pesquisa empírica e, ainda outra que, rejeitando ambas as abordagens, adota perspectivas de inspiração interacionista, fenomenológica ou etnometodológica. As diferenças entre os referenciais teóricos, os temas tratados e a orientação política são tão grandes que talvez fosse mais correto falar em Sociólogos da Educação.

Nos últimos vinte anos pertencem a Althusser (1970), Bowles e Gintis (1976), Bourdieu e Passeron (1970) e Michael Yong (1971), os estudos que marcaram e delimitaram o campo da Sociologia Educacional. Estes estudos postulam que a produção e reprodução das classes reside na capacidade de manipulação e moldagem das consciências, na preparação de tipos diferenciados de subjetividade de acordo com as diferentes classes sociais.

A escola participa na consolidação desta ordem social pela transmissão e incubação diferenciada de certas ideias, valores, modos de percepção, estilos de vida, em geral sintetizados na noção de ideologia. Os estudos centram-se nos mecanismos amplos de reprodução social via escola.

Num outro eixo, encontramos os ensaios da Nova Sociologia da Educação preocupados em descrever as minúcias do funcionamento do currículo escolar e seu papel na estruturação das desigualdades sociais. A Nova Sociologia da Educação coloca a problematização dos currículos escolares no centro da análise sociológica de Educação.

A Sociologia da Educação, hoje, aborda como tema central de discussão: o papel da educação na produção e reprodução da sociedade de classes. A Educação facilmente descobre que um dos lugares eminentes de sua teoria e de sua prática está no interior dos movimentos sociais. Cabe, pois, a escola o papel de preparar técnica e subjetivamente as diferentes classes sociais para ocuparem seus devidos lugares na divisão social.

Bourdieu e Passeron percebem como essa divisão é mediada por um processo de reprodução cultural. Sabemos que as forças culturais que atuam sobre o comportamento precisam ser conhecidas para um melhor planejamento e, consequentemente, melhor ensino. De particular interesse para o processo educativo são os fatores familiares, o grupo de adolescentes a que se filia ("a turma") e a escola.

As condições do ambiente forjam a sua resposta ou reticência, aos estímulos, formando padrões de hábitos que encorajam ou desencorajam as atividades que motivam ou desmotivam a aprendizagem. O comportamento em classe está estritamente relacionado com o ambiente familiar e a sua posição socioeconômica. Fatores estes ocasionadores de procedimentos antissociais ou de extrema instabilidade e falta de amadurecimento.

A "turma" é de vital importância para o adolescente que, ao "enturmar-se", prefere os padrões de seu grupo aos dos adultos, algumas vezes diminuindo até o seu rendimento escolar para satisfazer o seu grupo. O aluno, ser temporal e espacial, vivendo dentro de uma comunidade, pertencendo a um grupo social, participando de instituições várias, possuindo um "status" socioeconômico, para integrar-se aos padrões de comportamento social necessita de um atendimento dentro da sua realidade individual.

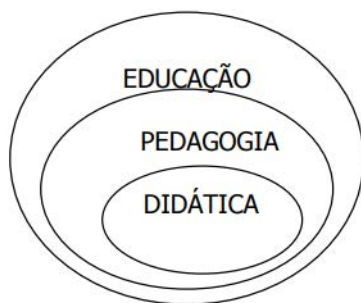
A organização de currículos, programas e planejamentos de ensino alienados da realidade social não é de natureza prática e não conduz a motivação. No entanto, como os grandes educadores e pedagogos, deveríamos ir muito além, formando "conceitos humanísticos" que superam dialeticamente o individual e o social para fazer surgir o ser humano integral, dando ao educando condições de adaptação em qualquer tipo de sociedade no tempo e no espaço.

¹ <https://pedagogiapaaraconcurseiros.com.br/apostila-de-fundamentos-da-educacao/>

AMOSTRA

► Fundamentos Psicológicos

Iniciemos situando Educação como o âmbito amplo que abarcaria, numa representação espacial, em círculos concêntricos, a Pedagogia e a Didática, como no esquema que segue.



A Educação compete todos os detalhes, em toda a amplitude das situações que produzem ou provocam aprendizagem. Consideramos Educação como o campo característico da categoria dos humanos, porque a definimos como a esfera das aprendizagens. Ela é característica do humano, uma vez que o homem tem como sua marca definidora o fato de ser um ser de cultura, por conseguinte, um ser que aprende.

Aprender pode ser definido como a forma construída pelo bicho-homem de enfrentamento da realidade que o circunda e que lhe permite sobreviver ou, mais ainda, que lhe permite transformar o seu entorno com vistas a sua felicidade. Em face da complexidade e da amplitude dos fenômenos que regem os atos de aprender, a sua abordagem é intrinsecamente interdisciplinar. Assim, educação se faz obrigatoriamente a partir dos múltiplos enfoques.

No esquema acima, a passagem do exterior ao interior está associada a um movimento cada vez mais especializado, do informal ao formal. Assim, Educação na região exterior à Pedagogia, compreenderia as responsabilidades e as atuações da sociedade como um todo em suas ações (não propriamente intencionais) provocadoras de aprendizagens. Tratar-se-ia da atmosfera que se gera, pelo tipo de organização social e material dos agrupamentos humanos.

Na Pedagogia, restringe-se a amplitude para reforçar a profundidade da abordagem dos fenômenos do aprender. Para explicar a Pedagogia, é útil passar-se à definição da Didática, uma vez que aquela abarca esta.

A Didática é a parte da Pedagogia que se ocupa das aprendizagens complexas que requerem sistematização e organização. A Pedagogia pode ser entendida como o contexto que possibilita a Didática. Ela se ocupa do ambiente que possibilita as aprendizagens mais pontuais e específicas dos campos científicos, que configuram as disciplinas escolares.

A Didática é a ciência que dá conta de fazer com que alguém, não tendo um certo conhecimento, passe a tê-lo; isto é, ela se ocupa da construção dos conhecimentos, na perspectiva construtivista. Porém o que são conhecimentos? Quais suas características definidoras? Quais suas relações com o saber? O que saber e conhecimento têm em comum e em que divergem? Há entre eles precedência ou complementaridade? Estas e outras perguntas serão abordadas, a seguir, através da conceituação e classificação de quatro produtos da aprendizagem.

Produtos de Aprendizagem

Dentre os múltiplos ângulos em que a aprendizagem pode ser analisada, merece importância a caracterização dos tipos de produtos que dela derivam. Propomos o esquema que segue, como síntese de uma abordagem destes produtos.

	Não Sistematizada	Sistematizada
Não transformadora	Chute	Conhecimento
Transformadora	Saber	Práxis

Consideramos nestes produtos de aprendizagem dois atributos principais: a sua sistematização e a sua capacidade de transformação. A combinação da presença ou da ausência desses dois atributos caracteriza os quatro espaços deste esquema, isto é, o chute, o saber, o conhecimento e a práxis.

Denominamos **chute** um produto da aprendizagem não sistematizado e não transformador. Chute pode ser tomado como algo aproximado a improviso. Como define o dicionário Aurélio, improviso é um produto intelectual inspirado na própria ocasião e feito de repente, sem preparo.

Observemos que estamos nos atendo à definição de improviso, enquanto produto intelectual sem preparo, que é o chute. Não consideramos, neste contexto, a validade da intuição ou da espontaneidade, que também podem estar embutidas no sentido comumente dado à palavra improviso. Chute, portanto, tem aqui a conotação de algo aprendido muito superficialmente, localizado, sem nenhuma generalização.

Chamamos de **saber** o produto de aprendizagem não sistematizado, mas transformador. Um produto de aprendizagem é transformador na medida em que acrescenta ser a quem aprende, modificando lhe em algo a maneira de viver.

Uma aprendizagem não é sistematizada quando ela é apenas descritiva de etapas de soluções de um problema, sem entrar na análise desta solução. O saber implica num valor capaz de mobilizar energias de quem aprende, a ponto de levá-lo a novas formas de vida.

Chamamos de **conhecimento** um produto de aprendizagem sistematizado, mas não transformador. Uma aprendizagem não é transformadora, quando ela somente instrumentaliza teoricamente de forma desvinculada da prática.

Um produto de aprendizagem não é transformador quando apenas ilustra, sem mover o aprendiz a incorporar nova postura existencial ou nova capacitação prática. Um produto de aprendizagem é sistematizado, quando ele chega à explicação das causas dos problemas enfrentados; e isto de forma organizada. Esta organização pode ser explicitada em livros ou similares, por escrito.

O saber transforma, mas não é sistematizado. O conhecimento é sistematizado, mas não é transformador.

O saber é pessoal; e o conhecimento é social ou socializável, na medida em que pode ser ou é sistematizado. O saber é mais ligado à ação, enquanto o conhecimento é mais ligado à reflexão e à linguagem. O saber tem mais a ver com percepções e movimentos, enquanto o conhecimento tem mais a ver com as palavras.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

BNCC – GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL, CURRÍCULO MUNICIPAL E COMPUTAÇÃO COMO COM- PLEMENTO DA BNCC

A BNCC E A ORGANIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Na BNCC, a Geografia integra a área de Ciências Humanas no Ensino Fundamental, ao lado de História. Seu papel é contribuir para que os estudantes compreendam as relações entre sociedade e natureza, as formas de organização dos espaços, as dinâmicas territoriais, as paisagens, os lugares, as regiões e as redes. A Geografia escolar deve ajudar o estudante a perceber que o espaço é produzido historicamente pelas ações humanas em interação com os elementos naturais.

O Ensino Fundamental está organizado em anos iniciais e anos finais. Nos anos iniciais, o ensino de Geografia parte do espaço vivido pela criança: corpo, casa, escola, rua, bairro, comunidade, município e paisagens próximas. A criança aprende noções de localização, orientação, representação, convivência, pertencimento, uso dos espaços e cuidado com o ambiente. O conhecimento parte do concreto e do cotidiano, mas deve avançar progressivamente.

Nos anos finais, a Geografia amplia a escala de análise. O estudante passa a estudar com maior profundidade o Brasil, o mundo, os continentes, a regionalização, a globalização, a urbanização, a industrialização, a dinâmica da população, os conflitos territoriais, as desigualdades socioespaciais, as questões ambientais e as transformações econômicas. O raciocínio geográfico torna-se mais complexo e abstrato.

A BNCC organiza a Geografia por unidades temáticas. Entre os eixos mais importantes estão: o sujeito e seu lugar no mundo; conexões e escalas; mundo do trabalho; formas de representação e pensamento espacial; natureza, ambientes e qualidade de vida. Essas unidades ajudam a distribuir os conteúdos de modo progressivo, permitindo que o estudante compreenda o espaço em diferentes dimensões.

A unidade “o sujeito e seu lugar no mundo” trabalha identidade, pertencimento, convivência, diversidade cultural, modos de vida e relação com os lugares. É fundamental nos anos iniciais, pois a criança começa a compreender sua posição no mundo a partir de seu cotidiano. O lugar não é apenas localização física; é espaço vivido, carregado de afetos, memórias e relações.

A unidade “conexões e escalas” desenvolve a compreensão de que fenômenos locais estão ligados a processos mais amplos. Um produto consumido na escola pode vir de outra cidade ou país; uma enchente no bairro pode estar ligada ao uso do solo e à falta de planejamento urbano; uma indústria local pode conectar o município a redes econômicas regionais e nacionais. A Geografia ensina a relacionar escalas.

A unidade “mundo do trabalho” aborda atividades econômicas, produção, circulação, consumo, trabalho no campo e na cidade, industrialização, serviços e tecnologia. Essa unidade permite compreender como as sociedades transformam a natureza e organizam o espaço para produzir bens e serviços.

A unidade “formas de representação e pensamento espacial” trabalha mapas, plantas, croquis, maquetes, imagens, gráficos, tabelas, legendas, orientação, localização e escala. O estudante aprende que representar o espaço é uma forma de compreender e comunicar informações geográficas. Essa unidade se articula fortemente com o uso de tecnologias digitais.

A unidade “natureza, ambientes e qualidade de vida” trata dos elementos naturais, dos problemas ambientais, da relação sociedade-natureza, dos riscos, da sustentabilidade, da conservação, da saúde ambiental e das condições de vida. Essa unidade é essencial para desenvolver responsabilidade socioambiental.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia orientado pela BNCC busca desenvolver competências e habilidades. Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver situações, interpretar fenômenos e agir no mundo. Habilidade é uma aprendizagem mais específica, geralmente expressa por ações como identificar, comparar, analisar, representar, localizar, interpretar, relacionar e explicar.

Na Geografia, as competências envolvem compreender o espaço geográfico, reconhecer diferentes formas de ocupação dos lugares, analisar relações entre sociedade e natureza, utilizar linguagem cartográfica, interpretar paisagens, compreender redes e escalas, respeitar a diversidade cultural e desenvolver atitudes de cuidado com o ambiente. Essas competências não se desenvolvem em uma única aula, mas ao longo de todo o percurso escolar.

Uma habilidade dos anos iniciais pode envolver identificar elementos naturais e culturais da paisagem do entorno da escola. Essa habilidade exige observação, descrição, comparação e registro. O professor pode levar os alunos a observar o pátio, a rua ou o bairro, distinguindo árvores, ruas, casas, postes, praças, comércios, rios ou terrenos. A criança aprende a perceber que a paisagem é composta por elementos diversos.

Outra habilidade pode envolver representar trajetos e espaços conhecidos. O estudante pode desenhar o caminho da sala até a biblioteca, construir uma planta simples da escola ou fazer um croqui do bairro. Essas práticas desenvolvem pensamento espacial e introduzem linguagem cartográfica. A representação não deve ser apenas cópia de mapas prontos; deve partir da experiência.

Nos anos finais, as habilidades tornam-se mais complexas. O estudante pode analisar processos de urbanização, comparar regiões brasileiras, interpretar mapas temáticos,

AMOSTRA

compreender fluxos migratórios, avaliar impactos ambientais, relacionar industrialização e organização do território ou discutir desigualdades socioespaciais. A leitura crítica do espaço ganha maior profundidade.

As habilidades de Geografia devem ser trabalhadas com objetos de conhecimento adequados. Por exemplo, para desenvolver a habilidade de interpretar mapas, é necessário trabalhar legenda, título, escala, orientação, cores, símbolos e informações representadas. Para desenvolver a habilidade de analisar paisagens, é necessário observar imagens, fotos, saídas de campo e registros do entorno. A habilidade precisa de conteúdo e metodologia.

A linguagem cartográfica é uma competência essencial. Mapas, plantas, croquis, imagens de satélite, gráficos, tabelas, maquetes e esquemas ajudam o estudante a compreender fenômenos espaciais. O professor deve ensinar a ler essas representações, questionar informações e produzir registros. A cartografia escolar não deve ser apenas pintura de mapas.

As competências socioambientais também são importantes. O estudante deve compreender que as ações humanas modificam a natureza e que essas transformações podem gerar problemas, como poluição, enchentes, desmatamento, ilhas de calor, falta de saneamento e desigualdades ambientais. A Geografia ajuda a pensar soluções e responsabilidades coletivas.

As habilidades devem ser avaliadas de forma coerente. Se o objetivo é interpretar paisagens, a avaliação pode pedir análise de imagem, descrição, comparação e explicação. Se o objetivo é compreender escala, pode envolver leitura de mapas em diferentes níveis: bairro, município, estado, país e mundo. Avaliar apenas memorização não é suficiente.

O planejamento docente deve transformar habilidades em situações de aprendizagem. O professor precisa selecionar temas, textos, mapas, imagens, perguntas-problema, atividades práticas, tecnologias e formas de avaliação. A BNCC orienta, mas a prática pedagógica concretiza.

CURRÍCULO MUNICIPAL E CONTEXTUALIZAÇÃO LOCAL

O currículo municipal tem a função de adaptar e complementar as orientações nacionais às características locais da rede de ensino. Ele deve dialogar com a BNCC, mas considerar a realidade dos estudantes, das escolas, do município, da cultura local, das condições sociais, ambientais, econômicas e históricas da comunidade. Essa contextualização torna o ensino mais significativo.

No caso de Paulínia-SP, sem consulta atualizada ao documento oficial neste ambiente, é possível afirmar de modo geral que um currículo municipal deve considerar o território local como campo de aprendizagem. O município pode ser estudado em suas paisagens, bairros, atividades econômicas, serviços públicos, vias de circulação, áreas verdes, problemas ambientais, história urbana, relações com a região metropolitana ou com municípios vizinhos e transformações ao longo do tempo.

A Geografia ganha força quando parte do lugar vivido. O estudante pode observar a escola, o bairro, o caminho que percorre, os espaços de lazer, os equipamentos públicos, o comércio, os meios de transporte, os tipos de moradia, a presença

ou ausência de árvores, a qualidade das calçadas, o trânsito, o lixo, a drenagem e os cursos d'água. Esses elementos revelam a organização do espaço local.

A contextualização local não significa limitar o ensino ao município. O lugar deve ser ponto de partida para compreender escalas maiores. Ao estudar uma indústria local, por exemplo, o professor pode discutir matérias-primas, transporte, energia, trabalho, tecnologia, circulação de mercadorias e impactos ambientais. Assim, o município conecta-se à região, ao estado, ao país e ao mundo.

O currículo municipal também pode valorizar a memória e a identidade local. Fotografias antigas, relatos de moradores, mapas históricos, mudanças nos bairros, crescimento urbano, festas, patrimônios, nomes de ruas e transformações econômicas ajudam os estudantes a compreender que o espaço tem história. A cidade não é algo pronto; ela foi construída e continua mudando.

A dimensão ambiental deve ser considerada. Todo município possui questões relacionadas a uso do solo, áreas verdes, rios, resíduos, poluição, mobilidade, expansão urbana e qualidade de vida. A Geografia escolar pode trabalhar esses temas de forma investigativa, levando os estudantes a observar, registrar, pesquisar e propor ações de cuidado.

O currículo local também deve considerar a diversidade dos estudantes. Nem todos vivem o município da mesma forma. Crianças de diferentes bairros, condições econômicas, famílias, culturas e trajetos têm experiências distintas do espaço. O professor deve permitir que essas experiências apareçam em rodas de conversa, mapas mentais, desenhos, relatos e pesquisas.

Os recursos locais podem enriquecer o ensino. Mapas do município, imagens de satélite, fotografias, jornais locais, entrevistas, visitas ao entorno, dados públicos, relatos de trabalhadores e observação de campo são materiais didáticos importantes. O currículo se torna vivo quando se aproxima da realidade.

A escola deve evitar uma abordagem meramente comemorativa ou superficial do município. Estudar a cidade não é apenas decorar data de fundação, símbolos ou nomes de autoridades. É compreender como o espaço é organizado, quem o utiliza, quais problemas existem, quais desigualdades aparecem e como os cidadãos podem participar de sua melhoria.

A articulação entre currículo municipal e BNCC exige planejamento. O professor deve identificar as habilidades previstas na base e desenvolvê-las por meio de temas locais. Por exemplo, uma habilidade sobre paisagem pode ser trabalhada analisando fotos do bairro; uma habilidade sobre representação pode ser desenvolvida com mapa da escola; uma habilidade sobre ambiente pode partir de problema local.

COMPUTAÇÃO COMO COMPLEMENTO DA BNCC

A Computação como complemento da BNCC está relacionada à formação dos estudantes para compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de modo crítico, ético, criativo e responsável. Ela envolve cultura digital, pensamento computacional e mundo digital. No ensino de Geografia, esses elementos podem ampliar a análise espacial, a representação de dados, a leitura de mapas e a investigação de problemas socioambientais.





GOSTOU DESSE MATERIAL?

Imagine o impacto da versão **COMPLETA** na sua preparação. É o passo que faltava para garantir aprovação e conquistar sua estabilidade. Ative já seu **DESCONTO ESPECIAL!**

EU QUERO SER APROVADO!

